

“CONCLUSÕES GERAIS”: A LEITURA DA PEÇA *O QUE É O CASAMENTO?*, DE JOSÉ DE ALENCAR, NO CONTO “CURIOSIDADE” E NA CRÍTICA DE MACHADO DE ASSIS

Amanda Rios Herane

RESUMO: Em texto publicado no *Diário do Rio de Janeiro*, durante março de 1866, Machado de Assis tratou de algumas peças teatrais de José de Alencar, incluindo *O que é o casamento?*, levada à cena em 1862. De acordo com a interpretação de Machado de Assis, Alencar responderia à pergunta contida no título da peça mostrando que não se poderiam extrair “conclusões gerais” sobre o casamento. Neste artigo, propõe-se que, no ano de 1879, Machado de Assis reelaborou essa leitura de *O que é o casamento?* em seu conto “Curiosidade”, recolocando-a de modo a suscitar um debate, de teor relativista, sobre a possibilidade de que a ficção oferecesse respostas para a “vida real”.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica; Conto; Teatro; Machado de Assis; José de Alencar.

ABSTRACT: In a text published on the *Diário do Rio de Janeiro* in March 1866, Machado de Assis discussed some theatrical plays by José de Alencar, including *O que é o casamento?*, that was staged for the first time in 1862. According to Machado de Assis, Alencar had answered the question contained in the title of his play showing that it would not be possible to draw “general conclusions” about marriage. This paper suggests that, in his 1879 short story “Curiosidade”, Machado de Assis reworked this interpretation in order to raise a debate, with relativistic content, about the possibility that fiction could offer answers to “real life”.

KEYWORDS: Criticism; Short story; Theater; Machado de Assis; José de Alencar.

Durante a década de 1860, Machado de Assis colaborou no *Diário do Rio de Janeiro*, tendo promovido crítica a diversas obras literárias em seu trabalho para o periódico. No decorrer de março de 1866, o autor dedicou-se a abordar o teatro de José de Alencar nessa publicação, tratando, dentre outras, da peça *O que é o casamento?*, escrita por Alencar em 1861, e encenada pela primeira vez em outubro de 1862. Sugere-se que Machado de Assis se apropriou da leitura que fizera de *O que é o casamento?* no *Diário do Rio de Janeiro* em seu conto “Curiosidade”, publicado em *A Estação* de janeiro a junho de 1879, sob a assinatura de “M.”.¹ Nesse sentido, podemos entender que, em “Curiosidade”, a atividade de Machado de Assis como crítico literário foi incorporada a sua composição ficcional.²

Atenhamo-nos, primeiramente, a *O que é o casamento?*. De acordo com João Roberto Faria, no ano de 1873, Alencar fez alterações na obra, rebatizando-a como *Flor agreste*, e modificando o grau de parentesco de dois personagens: Miranda e Henrique, irmãos na versão original, passaram a ser, respectivamente, tio e sobrinho.³ Essa ressalva

1 É preciso pontuar que, embora “Curiosidade” não conste nem da listagem das obras machadianas feita por Galante de Sousa, nem das obras completas de Machado de Assis organizadas pelas editoras Jackson e Nova Aguilar, foi arrolado por Magalhães Júnior, em *Contos sem data*, como narrativa machadiana. Assumimos, aqui, que “Curiosidade” é da autoria de Machado de Assis, conforme a atribuição de Magalhães Júnior, considerando que as reflexões acerca de *O que é o casamento?* apresentadas nesse conto ecoam a discussão que Machado de Assis propusera sobre *O que é o casamento?* em sua leitura da peça para o *Diário do Rio de Janeiro*, feita treze anos antes. Referências: SOUSA, Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955; ASSIS, Machado de. *Obras completas em quatro volumes*. Organização de Aluizio Leite Neto, Ana Lima Cecilio, Heloisa Jahn. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008, 4 vols.; ASSIS, Machado de. *Obras completas*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W. M. Jackson, 1946, 31 vols.; ASSIS, Machado de. *Contos sem data*. Organização e prefácio de Raimundo Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.].

2 Ressalte-se, a propósito, que a ideia de que haveria uma imbricação entre as produções de Machado de Assis para periódicos e sua obra ficcional foi apontada por Lúcia Granja, dado que, tratando do trabalho de Machado de Assis para o *Diário do Rio de Janeiro* durante a década de 1860, diz a autora: “A crônica foi se tornando para o jovem jornalista [Machado de Assis], progressivamente, um espaço de experimentação ficcional. Na segunda fase do *Diário*, mais do que nunca, essa experiência, possibilitada pelo texto híbrido da crônica, estava em expansão. Nessa fase, Machado desenvolveu ainda mais a sátira por meio da incorporação dos textos literários, da citação, ou ainda, desenvolveu os diálogos e anedotas no espaço potencial de ficção de seu texto jornalístico”. Em: GRANJA, Lúcia. *Machado de Assis, escritor em formação (à roda dos jornais)*. Campinas; São Paulo: Mercado de Letras; Fapesp, 2000, p. 149.

3 FARIA, João Roberto. *José de Alencar e o teatro*. São Paulo: Perspectiva; Edusp, 1987, pp. 123-36.

é importante, pois ambos os dados são relevantes na leitura machadiana de *O que é o casamento?*, de 1866, quando ainda só existia a primeira versão da peça.⁴

Em *O que é o casamento?*, Henrique gostava de Isabel, mulher de Miranda. Para não perturbar a paz e a felicidade do casal, decide partir para o exterior, e vai se despedir de Isabel. Miranda chega; Henrique foge pela janela. Ao ver o vulto de Henrique, sem reconhecê-lo, Miranda pensa que se tratava de um amante da esposa. Para completar o quadro, Miranda encontra, em sua sala, uma rosa, reconhecendo-a como objeto pertencente ao janota Sales. Sales deixara a rosa para Clarinha, prima de Isabel,⁵ a quem cortejava. Mas Miranda pensa que o presente se destinava a sua esposa, crendo, portanto, que Isabel era amante de Sales.

Isabel não quer revelar ao marido o que realmente acontecera. Miranda aponta uma arma para a mulher, mas desiste do crime, ao ouvir o chamado da filha, Iaiá. Contudo, Miranda sentencia que, embora devessem ficar vivos para o mundo, ele e Isabel estavam mortos um para o outro. A partir disso, o casal passa a viver em estado de animosidade.

Henrique fica no Brasil, casando-se com Clarinha, que gostava dele. Mas é negligente com a mulher, dedicando-se mais à caça do que ao casamento. Para atrair a atenção do marido, Clarinha aproveita-se das investidas de Sales, que não desistira de cortejá-la, para provocar ciúmes em Henrique. Clarinha faz com que o marido pense que ela se encontraria com Sales em uma cabana. Diante da possibilidade de adultério da esposa, em reação semelhante à de Miranda, Henrique se mune de uma espingarda. A arma dispara, mas ninguém se fere. No desfecho, Henrique fica sabendo que Clarinha apenas usara Sales para provocá-lo. Completando o *happy end*, Miranda ouve uma conversa entre Isabel e Henrique, por meio da qual descobre que a esposa não lhe fora infiel.

Em sua leitura de *O que é o casamento?* para o *Diário do Rio de Janeiro*,⁶ Machado

4 Consultamos *O que é o casamento?* na obra completa de José de Alencar editada pela José Aguilar (ALENCAR, José de. *Obra completa: em quatro volumes*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1960, vol. 4, pp. 349-412). Na referida edição, a peça aparece sob o título *O que é o casamento?*, mas traz Miranda e Henrique como tio e sobrinho. Sobre os problemas que envolvem a publicação de *O que é o casamento?*, ver: FARIA, João Roberto. *José de Alencar e o teatro*, cit., pp. 123-36.

5 Em sua leitura de *O que é o casamento?* para o *Diário do Rio de Janeiro*, Machado de Assis apontou Clarinha como irmã de Isabel. Em: ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*, cit., vol. 3, p. 1142.

6 Idem, vol. 3, pp. 1141-3.

de Assis considera que, se Isabel e Henrique tivessem se tornado amantes, teria ocorrido um “fratricídio”.⁷ Na percepção do escritor, diante da gravidade dessa perspectiva, Henrique teria ficado atormentado. Assim, nos termos de Machado de Assis, o personagem haveria se casado com Clarinha “menos por corresponder às aspirações da moça, do que por achar um refúgio ao próprio sofrimento”, ficando distante da esposa pelos “remorsos que o pungiam”. Ainda de acordo com o autor:

Henrique, entregue à punição do seu próprio arrependimento, acha-se mais tarde em situação igual à do irmão, o que acrescenta à peça um episódio interessante, intimamente ligado à peça, sendo mesmo um complemento dela. Clarinha, cortejada por Sales, aproveita um pedido de entrevista do gamenho, para reanimar a afeição de Henrique; este estratagemma leviano produz uma cena violenta e uma situação trágica. A perspicácia do drama salva tudo.⁸

Na visão de Machado de Assis, o “estratagemma” de Clarinha avultaria o castigo de Henrique – que já se sentiria punido pelo arrependimento –, porque colocaria o personagem na mesma posição na qual ele deixara o próprio irmão (ou seja, a de um homem que se crê traído pela mulher). Observe-se, portanto, que a leitura de Machado de Assis de *O que é o casamento?* está atrelada à condição de irmãos de Henrique e Miranda, pois o autor se baseia nesse vínculo de ambos para dar sentido às ações de Henrique, apreendendo as atuações do personagem em relação ao que chama de “fratricídio”.

Pensando-se na versão de 1873, na qual Henrique é sobrinho de Miranda, seria possível ver a situação do personagem de modo similar: Henrique poderia ter padecido por se aproximar da mulher do tio, haver se casado com Clarinha para fugir do sofrimento, ter procurado afastar-se da esposa por remorso, e ter encontrado na paridade de sua experiência com a de Miranda uma “punição”. De todo modo, a diminuição do

7 As reflexões de Machado de Assis sobre *O que é o casamento?* aqui abarcadas, bem como uma leitura mais pormenorizada da peça, encontram-se em: HERANE, Amanda Rios. *Melhor que o melhor dos sonhos: família e ordem social na prosa de Machado de Assis (décadas de 1860 e 1870) e no teatro realista brasileiro*. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira), São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2016.

8 ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*, cit., vol. 3, p. 1143.

grau de parentesco conferiria à participação de Henrique menor carga dramática do que Machado de Assis lhe atribuiu.

Ressaltemos também que Machado foi elogioso com a peça de Alencar. Dentre os elementos positivos, mencionou a atitude abnegada de Isabel, entendendo que, ao não denunciar Henrique a Miranda, ela se fizera “verdadeira heroína”, tornando “mais profunda a comoção dramática”. Ele também apreciou a naturalidade da peça, aspecto caro ao teatro realista, ao qual a obra está filiada.⁹

Machado de Assis ainda exaltou Alencar, afirmando: “O talento do autor, valente de si, robustecido pelo estudo, conseguiu conservar o mesmo interesse, a mesma vida, no meio de uma situação sempre igual, de uma crise doméstica, abafada e oculta”. Como ressalva a *O que é o casamento?*, porém, Machado fez uma crítica ao desenlace da peça, sugerindo que Miranda, em vez de haver descoberto casualmente, por uma conversa, a situação entre Henrique e Isabel, poderia tê-lo sabido, nas palavras do autor, “pela confissão sincera e ingênua do irmão”, que “levantaria muito mais o caráter do moço, aliás simpático e humano”.¹⁰

Além de se ocupar dos acontecimentos que envolveram Miranda e Henrique, um ponto central de preocupação para Machado de Assis foi o vínculo entre o título de *O que é o casamento?* e seu enredo, questão crucial sob o ponto de vista do escritor, na medida em que corresponderia a uma “chave” para a apreensão da peça:

9 A estética teatral realista desenvolveu-se no Brasil entre as décadas de 1850 e 1860. De acordo com João Roberto Faria, em *O teatro realista no Brasil*, o repertório de peças realistas nacionais se compôs sob influência dos temas e formas da dramaturgia realista francesa, que firmou prestígio entre os intelectuais brasileiros a partir de encenações de peças do realismo teatral francês oferecidas pelo Teatro Ginásio Dramático, do Rio de Janeiro – que também trouxe peças portuguesas afinadas com essa estética, e levou à cena muitas produções nacionais de inspiração realista. O realismo teatral tinha como princípio a reprodução da realidade no palco, demandando um estilo menos enfático, mais “natural”, sem os exageros da interpretação romântica. Embora muitas peças brasileiras que procuravam alinhar-se ao realismo teatral tenham se valido de recursos românticos, ambas as estéticas se fundamentavam em perspectivas diversas, como aponta Faria: “Os dramaturgos ligados ao Ginásio deixaram de lado o drama histórico, o passado, e escreveram com os olhos voltados para o seu tempo, com o objetivo de retratar e corrigir os costumes, acreditando que influíam na própria organização da sociedade. Por isso, o realismo que praticaram era de cunho didático e moralizador” (FARIA, João Roberto. *O teatro realista no Brasil: 1855-1865*. São Paulo: Perspectiva; Edusp, 1993, p. 166).

10 ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*, cit., vol. 3, p. 1142.

O que é o casamento? pergunta o autor [José de Alencar¹¹], e a peça é a resposta desta interrogação. Para compreender bem o título e casá-lo à peça, é preciso ter em vista que nem a pergunta nem a resposta podem ter caráter absoluto. O casamento é a confiança recíproca, tal é a conclusão de Miranda, em diálogo com Alves; e uma situação inesperada, uma situação fatal, que envolve a honra da esposa, embora inocente e pura, faz apagar no espírito do marido o mesmo sentimento em que, segundo ele, deve repousar a paz doméstica. Não é isto bastante para indicar que o autor não quis tirar conclusões gerais?¹²

O diálogo entre Miranda e Alves ao qual Machado de Assis se refere aparece na primeira cena do primeiro ato de *O que é o casamento?*. Alves, até então celibatário, estava disposto a se casar, mas se mantinha reticente em relação ao matrimônio. O personagem temia que homens e mulheres não conseguissem harmonizar-se na vida conjugal. Miranda rebate a ideia, argumentando que o casamento não traria desarmonia e, por conseguinte, dissensões, mas, pelo contrário, promoveria sossego. Nesse sentido, Miranda define o matrimônio do seguinte modo: “É a paz, firmada sobre a estima e o respeito mútuo; é o repouso das paixões, e a força que nasce da união”. E ainda afirma: “O amor conjugal é calmo e sério; vive pela confiança recíproca, e alimenta-se mais de recordações do que de desejos”.¹³

Baseando-se nessas declarações de Miranda a Alves, Machado de Assis sugere que haveria um descompasso entre o discurso de Miranda sobre o matrimônio e a vivência prática do personagem. Isso porque, de acordo com a exposição do escritor, embora

11 *O que é o casamento?* foi encenada como peça anônima; porém, Machado de Assis reconhecia tratar-se de uma obra de Alencar, conforme aponta no texto, de que temos tratado, que publicou para *O Diário do Rio de Janeiro*, em 1866: “A extinta companhia do Ateneu Dramático representou durante algumas noites uma peça anônima, intitulada *O que é o casamento?* O autor, apesar de ser a obra bem recebida, não apareceu, nem então, nem depois; mas o público, que é dotado de uma admirável perspicácia, atribui a peça ao sr. J. de Alencar, e a coisa passou em julgado. Será temeridade da nossa parte repetir o juízo do público? *O que é o casamento?* reúne todos os caracteres do estilo e do sistema dramático do autor d’*As asas de um anjo*; entre aquela peça e as outras do mesmo autor há uma semelhança fisionômica que não pode passar despercebida aos olhos da crítica” (Idem, p. 1141). *As asas de um anjo* é uma peça de José de Alencar, que estreou no Teatro Ginásio Dramático em 1858.

12 Idem, p. 1141.

13 ALENCAR, José de. *Obra completa: em quatro volumes*, cit., vol. 4, p. 352.

Miranda veja no casamento um estado de “confiança recíproca” a que se associaria o sentimento de paz, assim respondendo à pergunta correspondente ao título da peça, o próprio personagem não confia na esposa – retomando-se que, ao se deparar com a “situação inesperada” de ter visto um vulto em sua janela, Miranda imaginara se tratar de um amante de Isabel, e fizera dessa imaginação uma sentença diante do silêncio da mulher, disse resultando que sua vida conjugal passou a ser conturbada.

Sendo assim, é possível entendermos que, na percepção de Machado de Assis, Alencar não teria querido “tirar conclusões gerais”, em *O que é o casamento?*, porque a conclusão sobre o casamento postulada no texto (o casamento seria “confiança recíproca”), que emergiria da fala de Miranda, não equivale sequer à vivência do próprio personagem. Desse modo, a resposta à pergunta-título – “o que é o casamento?” – não teria caráter absoluto, nem tampouco a pergunta, pois, se o tivesse, requereria uma resposta “absoluta”. Ou seja, depreende-se que, para Machado de Assis, o descompasso entre a fala de Miranda e suas ações a respeito do matrimônio mostraria que Alencar não teria querido precisar *o que é o casamento*, quer dizer, oferecer uma definição a partir da qual se pudessem contemplar todas as práticas individuais da vida conjugal.

Ponderemos, contudo, que, se o casamento de Miranda acabou não se definindo pela confiança recíproca – e talvez outros casamentos também não pudessem ser descritos como uniões pautadas por tal sentimento –, há a sugestão, na peça de Alencar, de que isso deveria ter acontecido, pois desse modo Miranda e Isabel não teriam sofrido. Assim, poderíamos dizer que a conclusão de Miranda sobre o matrimônio seria um ideal (sua resposta para o que é o casamento corresponde ao que o casamento *deve ser*), sendo esse ideal reconhecido, mas não praticado, pelo personagem. Vale assinalarmos, a propósito, que o desacordo entre as ações e os discursos dos personagens em *O que é o casamento?* foi apontado por João Roberto Faria:

[...] a resposta para o título da peça não está na ação dramática propriamente dita, mas nas reflexões moralizadoras¹⁴ de Augusto [Miranda] e Isabel, inseridas em vários diálogos que travam com outras personagens. Em cena, o que temos são dois casamentos em crise, nos quais predominam suspeitas de adultério, desconfianças, desprezos, humilhações, indiferenças, ameaças. Podemos dizer que Alencar pretende ensinar o certo mostrando o errado. O espectador/leitor certamente não invejará a infelicidade e a tristeza das per-

14 O recurso a reflexões moralizadoras é característico de peças do repertório teatral realista.

sonagens que não souberam cultivar a paz doméstica, mas, por outro lado, estará atento às explicações do que deve ser o casamento e às descrições da felicidade conjugal.¹⁵

Retomemos que a ideia de que *O que é o casamento?* não ofereceria uma resposta peremptória para a pergunta-título da obra foi basal na interpretação da peça oferecida por Machado de Assis no *Diário do Rio de Janeiro*. Essa ideia também se faz presente no conto machadiano “Curiosidade”,¹⁶ ao qual passaremos a nos ater.¹⁷

Em “Curiosidade”, a personagem Carlota vê o anúncio do espetáculo *O que é o casamento?*, e, sendo mulher e noiva, fica curiosa para assistir a sua estreia, no Teatro São Januário.¹⁸ D. Fausta, mãe de Carlota, adverte a filha quanto ao perigo de ela querer buscar na peça uma definição do matrimônio. Dr. Cordeiro, o pai de Carlota, também procura obstar que a filha assistisse ao espetáculo, pretextando que o noivo de Carlota, Conceição, estava doente. Mas Conceição não estava tão mal e, não compreendendo o “artifício” de Cordeiro, dispõe-se a acompanhar a noiva e a família dela ao Teatro São Januário, onde se encenaria *O que é o casamento?*.

No teatro, Carlota é observada por Lulu Borges, um “petimetre”¹⁹ que desejava casar-se com a moça para receber o dote dela. Carlota se interessa pelo “petimetre”. Borges passa a frequentar a casa de Carlota e a lisonjear o Dr. Cordeiro.

Conceição percebe que sua noiva se apaixonara por Borges, e a deixa livre do compromisso. Carlota se casa com Borges, tendo ambos um filho. Mas Borges começa a se ausentar de casa com frequência, agride a mulher e, para obter dinheiro, emite um

15 FARIA, João Roberto. *José de Alencar e o teatro*, cit., p. 124.

16 Consultou-se o texto em: ASSIS, Machado de. *Contos sem data*, cit., pp. 82-104.

17 A leitura aqui proposta de “Curiosidade” foi desenvolvida em HERANE, Amanda Rios, op. cit.

18 Lembremo-nos de que *O que é o casamento?* subiu ao palco sem que sua autoria tivesse sido revelada; porém, em “Curiosidade”, os personagens sabem tratar-se de uma peça de Alencar. Consultar a esse respeito (e também a respeito de outras considerações sobre a representação de *O que é o casamento?* colocadas em “Curiosidade”): ASSIS, Machado de. *Contos sem data*, cit., pp. 84-6.

19 No dicionário de Rafael Bluteau, reformado e acrescentado por Antonio de Moraes Silva, encontramos a seguinte definição do termo: “o mancebo que com demasia anda atilado, enfeitado, e he dos primeiros seguidores das modas” (BLUTEAU, Rafael; SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789, vol. 2, p. 196. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00299220#page/1/mode/1up>>. Acesso em: 14 fev. 2017).

documento falso, cujo valor acaba sendo pago pelo sogro. O Dr. Cordeiro exige a separação do casal. Na sequência, morrem os pais de Carlota, e também Borges. Conceição pede Carlota em casamento. Ela aceita, e ambos se unem.

Em uma primeira leitura de “Curiosidade”, podemos entender que *O que é o casamento?* se liga à história vivida por Carlota na medida em que a curiosidade sobre o conteúdo dessa peça moveu a moça a comparecer ao teatro, onde seu interesse por Borges acendeu – assinalando-se que Carlota já havia avistado Borges em passeio na praia da Gamboa. É importante ressaltar que, de acordo com o discurso do narrador, “Curiosidade” não visaria a condenar a curiosidade de Carlota – embora a própria personagem, ao final da narrativa, associe seu casamento malsucedido com Borges ao que chama de “funesta curiosidade” de ir ao Teatro São Januário –, pois, conforme o narrador: “[Carlota] Tinha a *virtude da curiosidade* e o defeito da inconstância; e tal foi a raiz do caso que vou narrar”.²⁰ Sendo assim, o fato de que Carlota se interessara por uma peça de Alencar não teria sido um problema em si, mas apenas o móvel que levava a personagem ao teatro e lhe permitira se deparar com Borges, situação que não se teria desenvolvido no sentido de que Carlota dispensasse Conceição, se a inconstante moça não se tivesse deixado conduzir pela curiosidade (já não virtuosa?) acerca de Borges.

Mas, se a curiosidade de Carlota não é condenada no conto, a motivação da personagem para assistir à peça de Alencar, que seria a expectativa de obter respostas sobre o matrimônio, como admite a própria Carlota, é criticada por D. Fausta. Por esse viés, a presença de *O que é o casamento?* em “Curiosidade” pode ser vista como mais do que um artifício do enredo para que Carlota e Borges comesçassem a estabelecer um vínculo. Isso porque as reflexões de D. Fausta sobre a relação da filha com o título alencarino ensejam um debate literário, do qual a trajetória de Carlota é ilustrativa.

Quando Carlota pergunta à mãe o que era o casamento, D. Fausta responde que o matrimônio seria “uma loteria”, mas o “meio certo de tirar o prêmio grande” corresponderia a ser “boa esposa”. Sendo informada de que a filha se referia a *O que é o casamento?*, D. Fausta alega que “era arriscado ir buscar ao teatro a explicação de coisas que só a vida real podia dar cabalmente”, ponderando também que, se a peça oferecesse uma resposta, “seria à feição do entendimento do autor e cada autor poderia dar diferente solução ao mesmo problema”.²¹

20 ASSIS, Machado de. *Contos sem data*, cit., p. 83, grifo meu.

21 Idem, p. 83.

A percepção de que o matrimônio seria uma “loteria” sinaliza que, para D. Fausta, haveria uma diversidade de situações matrimoniais no mundo concreto, sendo talvez por isso que apenas a vida real, segundo a personagem, seria capaz de elucidar o que seria o casamento. Nesse ponto, poderíamos dizer que Machado de Assis cruzou seu próprio entendimento de *O que é o casamento?* com o discurso da personagem de seu conto. Como já vimos, de acordo com as reflexões de Machado de Assis, Alencar não se teria proposto, em sua peça, a extrair uma definição do matrimônio que descrevesse todas as vivências particulares do casamento. D. Fausta, por sua vez, assume pensamento semelhante, pois sugere que existiria uma variedade de condições matrimoniais, não sendo possível encontrar no teatro uma explicação “cabal” do que seria o casamento. Contudo, o argumento de D. Fausta não se restringe à peça de Alencar, propiciando uma discussão literária mais ampla.

Diz D. Fausta que seria arriscado procurar “no teatro” de maneira geral, e, portanto, não só em *O que é o casamento?*, mas na ficção, a resposta para perguntas que só a “vida real” forneceria. Qual seria, entretanto, o teor desse risco?

Pensem na situação de Carlota. A moça decidira assistir à peça de Alencar desejando saber o que era o casamento. Contudo, o espetáculo não fora muito esclarecedor para ela, como Carlota admite a Conceição: “Não sei tudo [...]; posso até dizer que não sei nada. A peça não responde inteiramente à minha pergunta”.²² Para Conceição, isso teria ocorrido por dois motivos, conforme ele esclarece a Carlota:

[...] a sua pergunta era talvez complicada demais, e a peça não pode resolver todo o problema. Acresce que, em certos casos, quando fazemos uma pergunta, só desejamos ouvir uma certa resposta; e, se não a ouvimos, parece-nos que ou não nos responderam ou responderam-nos mal.²³

De acordo com a perspectiva de Conceição, portanto, *O que é o casamento?* não poderia contemplar Carlota devido à natureza da questão da personagem – o matrimônio seria um assunto muito complexo para ser esgotado em uma peça –, mas também devido à expectativa de Carlota sobre o conteúdo do espetáculo. Porém, Carlota não sabia muito bem o que esperar, como indica o sonho que tivera com a peça antes de assistir a ela, sobre o qual diz o narrador:

22 Idem, p. 86.

23 Ibidem.

Na comédia imaginária, o casamento aparecia-lhe como uma charada de muitas sílabas e nenhum sentido. Era essa a primeira versão, porque depois viu que era um banquete dos anjos, ao som da harmonia das esferas. Como este sonho fosse melhor, acordou mais alegre e almoçou mais tranquila.²⁴

Podemos entender dessa passagem que Carlota tinha uma perspectiva limitada acerca da resposta que procurava em *O que é o casamento?*. Considerando-se a ideia de D. Fausta de que só a vida real poderia oferecer explicações cabais sobre o casamento, é possível entendermos que essa limitação se daria pelo fato de que Carlota não tinha a vivência concreta do matrimônio, de modo que o repertório da personagem sobre o tema se circunscreveria àquilo que ela seria capaz de engendrar em sua imaginação. Pode-se dizer que esse repertório fora insuficiente para que Carlota acompanhasse a produção de Alencar, disso resultando sua pouca compreensão da peça.

Assim, o que Carlota encontra no teatro não é propriamente o que o texto teatral lhe poderia oferecer, pois lhe faltavam condições de apreciação, mas sim algo externo à peça: o interesse por Borges. Como resultado, a personagem sofre prejuízos em sua vida prática, trocando o bom noivo que havia conquistado (Conceição) por um mau marido (Borges). Apesar disso, Carlota recebe uma segunda chance, podendo ao final vivenciar o casamento com Conceição, tal como teria feito se não houvesse “desviado” de seu caminho inicial – ainda que esse desfecho em *happy end* tenha custado artifícios no enredo, pois dependeu de que Borges morresse antes da esposa, e de que Conceição não se tivesse casado e estivesse ainda disposto a se unir a Carlota.

O importante a destacar, contudo, é que o percurso de Carlota pode elucidar a fala de D. Fausta. Faltando-lhe a vivência do casamento, Carlota não entende bem a peça de Alencar, e obtém da sua visita ao teatro algo que não pertencia ao texto teatral. No fim das contas, o material acerca do matrimônio de que a personagem dispunha quando chegara ao espetáculo eram os elementos da própria imaginação, e, se entendermos que a imaginação dera ignição à curiosidade de Carlota em relação a Borges,²⁵ é essa imaginação que, somada à inconstância da moça, acaba desviando Carlota das escolhas

24 Idem, p. 85.

25 Ressaltemos, a propósito, que o mote de uma personagem que se deixa envolver por um “conquistador” devido à própria imaginação não seria novidade em contos machadianos, estando presente, por exemplo, em “Confissões de uma viúva moça”, de 1865.

matrimoniais mais adequadas a seu cotidiano concreto. Nessa linha de argumentos, o risco de se buscar na ficção a compreensão de questões que só fariam sentido pleno a partir da prática, retornando-se à proposição de D. Fausta, poderia ser o de que, na ausência dessa prática, fossem extraídas da experiência ficcional questões alheias a ela. No caso de Carlota, tal processo levava a personagem a se atralhar em relação ao próprio assunto sobre o qual buscava explicações no teatro.

Em vista do que foi exposto, podemos admitir que, do confronto de D. Fausta com o título da peça alencarina *O que é o casamento?*, derivam duas noções sobre ficção: a de que o indivíduo precisaria ter vivenciado concretamente os problemas abordados na obra ficcional, do contrário não estaria preparado para compreender as soluções nela oferecidas, conforme se expôs acima; e, como mencionado anteriormente, a noção de que as soluções de diferentes autores para um mesmo problema seriam diversas, tratando-se, portanto, de pontos de vista. No bojo de ambas, há a perspectiva de que o texto ficcional não ofereceria respostas “cabais” ao público.

Esse ponto de vista difere significativamente do apresentado em contos anteriores de Machado de Assis, especialmente os produzidos na década de 1860, marcados pelo tom sentencioso dos julgamentos dos narradores, que comumente apresentavam a lição moral a ser extraída de suas narrativas. No decorrer da década de 1870, podemos observar que essa tendência vai se diluindo nos contos machadianos.²⁶ Talvez seja reflexo disso o modo como Machado de Assis reaproveitou a ideia de que *O que é o casamento?* não traria “conclusões gerais” acerca do matrimônio, lançada pelo autor em 1866, recolocando-a em um conto de 1879 (“Curiosidade”) no sentido de servir a um debate sobre a possibilidade de que a ficção oferecesse “respostas” para a “vida real”, tal como viemos admitindo.

É interessante notarmos que essa discussão, que apresenta certo teor relativista, é colocada em um conto no qual se usa como referência uma peça do repertório realista (*O que é o casamento?*). Isso porque o realismo teatral tinha como premissa a ideia de que a arte seria capaz de interferir na realidade, tendo a função de ensinar e moralizar o público, noção que, em princípio, entraria em tensão com a ideia, presente em “Curiosidade”, de que as obras ficcionais não trariam soluções definitivas para conflitos do mundo concreto. Diga-se, a propósito, que Machado de Assis se declarou entusiasta

26 A esse respeito, ver: HERANE, Amanda Rios, op. cit.

da estética teatral realista – na qual se inspirou para a composição de sua prosa inicial²⁷ –, tal como se observa neste excerto de uma crônica do autor, publicada em 1859, em que ele comenta a peça *O asno morto*, representada à época no Teatro Ginásio Dramático: “O *Asno morto* pertence à escola romântica e foi ousado pisando a cena em que tem reinado a escola realista. Pertence a esta última por ser mais sensata, mais natural, e de mais iniciativa moralizadora e civilizadora”²⁸.

Não deixemos de considerar que ainda seria possível entendermos que a situação vivenciada por Carlota em “Curiosidade” suscitaria uma lição, comum em contos iniciais de Machado de Assis: deixar-se levar pela imaginação pode ser uma atitude nociva à vida prática.²⁹ Diante disso, poderíamos entender que o conto não chega a refutar a ideia de que a ficção seria capaz de promover ensinamentos, percepção que nos leva a questionar o grau de relativismo da obra. Porém, seguindo-se os princípios de D. Fausta, mesmo que “Curiosidade”, como texto ficcional, visasse a trazer um ensinamento, apenas o confronto com a realidade revelaria a pertinência da “lição”, já que só mesmo a “vida real” seria capaz de oferecer respostas “cabais” a certas questões. Além disso, também de acordo com D. Fausta, as soluções ficcionais seriam um ponto de vista. Sendo assim, ainda que assumamos que “Curiosidade” possa também ser lido a partir de uma chave moralizante, o conto não deixa de ter caráter relativista, no sentido de que não apresenta uma moralidade “fechada”, ao sugerir que uma obra de ficção, e, portanto, o próprio conto, não ofereceria soluções que pudessem ser vistas como certezas, mas sim como perspectivas, sendo apenas a vida real capaz de trazer respostas “definitivas”.

Amanda Rios Herane é Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. A pesquisa da qual resultou este artigo recebeu apoio financeiro da FAPESP.

27 Essa ideia foi defendida em: HERANE, Amanda Rios, op. cit.

28 ASSIS, Machado de. *Obras completas*, cit., vol. 30, p. 30.

29 Essa “lição” é sugerida em alguns contos de Machado de Assis, como “Confissões de uma viúva moça”, “O anjo das donzelas” (1864) e “Astúcias de marido” (1866). Ver: HERANE, Amanda Rios, op. cit.